

Forma-se um analista

Micheline Enriquez

Falando da formação existente na França, este artigo de 1979 problematiza de modo bastante atual as questões que nos interrogam. Deixamos de lado os aspectos históricos, em prol da problemática mais geral.

Impressões de conjunto

Formar um analista: como compreender esse programa? A palavra "formação" se encontra sob múltiplas penas, séculos antes de aparecer entre os analistas. Sem insistir sobre o sentido que o termo pode tomar segundo a disciplina à qual é aplicado (gramática, lógica, biologia, geologia, sociologia, pedagogia...), pode-se notar que este vocábulo nem sempre é carregado de *positividade* e de *normatividade*. Conota um projeto, uma armação e uma gênese, um processo desenrolado num espaço de tempo, cujos efeitos são de mutação, de diferença num sistema, uma estrutura, uma história, um devir...

A formação dos analistas se inscreve, sem nenhuma dúvida, sob o duplo signo de *pedagogia* e da *mudança*

de estado. Entretanto, a noção mesma de *formação analítica* traz em si uma contradição em termos, pois a psicanálise não é de modo algum feita para instituir modelos de pensamento ou de comportamento. Seria antes o contrário.

Contudo, não é possível deixar de lado a formação analítica, e todos se perguntam, há quase 70 anos, sobre a melhor maneira de o espírito chegar aos psicanalistas. O mínimo que podemos dizer, se nos referirmos às inúmeras publicações sobre a questão, é que as opiniões estão divididas.

Micheline Enriquez era psicanalista na França e foi membro do "Quatrième Groupe" até o dia de seu falecimento. As opiniões expressas aqui, segundo a própria autora, comprometem apenas a ela mesma, e não ao Quatrième Groupe. As passagens suprimidas estão indicadas por (...) Cf. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 20:261-288. Tradução: Anna Maria Amaral e Noemi Moritz Kon.

Testemunha deste fato é o recente e importante relatório do psicanalista americano Robert Wallerstein (São Francisco), que trata das "perspectivas sobre a formação dos analistas no mundo"¹.(...)

O exame desta pesquisa mundial coloca em evidência um truísmo, a saber, que não há no mundo analítico acordo sobre coisa alguma, pelo menos no que concerne à formação dos futuros analistas, os critérios de relação, a importância dada à teoria. É necessário dizer que a tonalidade e a opção operatória deste trabalho nos fazem evocar com nostalgia *Die Frage der Laienanalyse*, que tinha feito entrever outras atitudes. Todavia, das conclusões do relatório de Robert Wallerstein resulta que:

1) A formação científica e a formação profissional (o *training* propriamente dito) não são da mesma natureza. A metade dos institutos lamentam isso e confessam centrar seus esforços principalmente sobre o "training", dando a este extrema importância, em detrimento da pesquisa científica.

2) A análise "leiga" ainda coloca uma questão. Os institutos europeus parecem mais liberais; *quase* não fazem distinção entre médicos e não-médicos. Quanto aos EUA, onde a psicanálise é quase uma especialidade médico-psiquiátrica, os não-médicos que conseguem se intrometer no trabalho são formados preferencialmente para a pesquisa, e são convidados a ter objetivos profissionais limitados (psicoterapia, trabalho social...).

3) Os institutos de formação são hesitantes quanto ao currículo pedido aos seus candidatos. Duas linhas de conduta opostas se desenharam - a exigência de um currículo idêntico para todos os analistas em formação, e uma formação sob medida, adaptada aos interesses e aos objetivos de cada candidato. De qualquer maneira, a formação teórica tem nos dois casos uma parte reduzida. Ela aparece como menos importante do que a análise didática e as supervisões.

4) As posições em relação à seleção dos candidatos vão da ausência total de pré-seleção (o candidato empreende sua análise com um analista de sua escolha) a uma seleção severa e rígida antes da admissão à análise didática. Por exemplo, os institutos de tendência kleiniana estão mais dispostos assumir riscos com candidatos mais "doentes", contando com a análise para dissolver os núcleos psicóticos e depressivos.

5) Na mesma perspectiva, as modificações da personalidade esperadas da análise didática são bastante variáveis. Os institutos mais antigos são os mais conservadores, e não veem com bons olhos os candidatos cujas personalidades se revelam muito narcísicas ou muito *borderline*. Por outro lado, os institutos mais novos, entre eles os kleinianos, contam com a análise didática para reduzir os aspectos psicopatológicos dos candidatos, e chegam a estimar que um grão de loucura, se ele for analisado, pode aguçá-lo o sentido clivado, e eventualmente abrir novas perspectivas teóricas.

6) Enfim, último ponto, e não dos menores, o papel conferido à análise didática na avaliação do candidato passa por todas as cores do arco-íris. O analista pode não exercer qualquer ingerência (a análise pessoal não tem, num primeiro momento, relação alguma com a instituição), ou pode participar das decisões sobre o candidato (algumas vezes faz um relatório sobre ele). Em alguns casos, um direito de veto lhe é atribuído.

Resumindo, de um instituto a outro, as grandes diferenças são

mais importantes que as pequenas, e isto independentemente de fatores geográficos. Um só ponto de acordo se destaca: a formação dos analistas é *tripartida* e se compõe de:

-uma análise pessoal de efeito necessariamente didático, graças à qual a verdade da teoria é experimentada através das experiências da transferência e do inconsciente;

-um abordagem teórica das obras freudiana e pós-freudiana, e eventualmente aberturas em direção a outras ciências humanas (etnologia, mitologia, história das religiões...);

-prática de tratamentos ditos

No conjunto, a maioria dos institutos exprime uma certa habilidade em relação ao espinhoso problema da formação.

"supervisionados", através dos quais o analista em formação presta contas de seus primeiros tratamentos a um outro analista experiente e "suposto saber".

No conjunto, a maioria dos institutos exprime sobretudo uma certa humildade em relação ao espinhoso problema da formação, e o tendem a considerar que sua política de formação é *experimental*, procede por apalpação, por ensaio e erro: prova da flexibilidade ou incapacidade de se outorgar fundamentos teóricos garantidos?

Um olhar sobre a França

(...)

Na França este tema da formação provocou crises e debates de extrema violência, e que só puderam ser resolvidos (??) por cisões. (...) Todas as cisões se deram no ódio e na violência, a partir de posições radicalmente divergentes sobre a formação. Cada uma das

A que preço a psicanálise, que é fundamentalmente da ordem da contra-cultura, pode ter um lugar na cultura?

cisões parece ter contribuído tanto para reforçar o conservadorismo de certas opções como para promover um movimento de reflexão crítica, situando-se deliberadamente fora dos caminhos já trilhados, e sendo por isso portadoras de uma certa vitalidade. (...)

A experiência mostra que, nestes últimos anos pelo menos, a formação analítica na França tem sido praticamente sempre solicitada após uma longa formação anterior (medicina, psicologia, ciências humanas), com a qual o sujeito se encontra em *ruptura* de pensamento. A psicanálise ganha então *valor* de risco e de referência *outra*.

No momento atual, entretanto,

sobretudo após 1968, um movimento inverso e relativamente importante se desenha: assiste-se com efeito a uma “psicanalização generalizada”, que faz com que a experiência analítica tenda a tornar-se em muitos casos um artefato e um bem a ser adquirido sem risco, podendo eventualmente facilitar a promoção intelectual e social. (...)

A questão não é nova. Ela já se tinha posto diferentemente, mas com acuidade, nos anos 50. Acarretou a primeira cisão no seio do movimento analítico francês, e a Sociedade Francesa fundada em 1953 por D. Lagache, J. Favez-Boutonier, F. Dolto e J. Lacan havia, com efeito, considerado o problema da formação como objeto essencial de reflexão.

Nesta perspectiva, dois textos de J. Lacan: “Situação da psicanálise e formação do psicanalista” (1956) e “O ensino da psicanálise” (comunicação à Sociedade Filosófica, 1957), marcaram época.

O que se torna a psicanálise, pergunta-se com razão J. Lacan, nas mãos de psicanalistas que só o “são” em virtude da conformação a um modelo institucional, cujos princípios e objetivos visam apenas reproduzir “psicanalistas”, a fim de “durar”?

Ou ainda: “A psicanálise em *intensão* e a psicanálise em *extensão* podem realizar uma aliança frutífera, ou sua coexistência carrega em si uma contradição no próprio projeto, tanto mais cancerígena quanto mais se prefere ignorá-la?”

E esta outra questão: a que preço a psicanálise, que é funda-

mentalmente da ordem da contra-cultura, pode ter um lugar na cultura, da qual ela contribui para modificar certos aspectos, mas cuja pressão tende constantemente a recuperá-la e a reduzi-la?

Esta forma de *duplo entrave* parece realizar uma dupla aporia, que certamente constitui uma singularidade frente às possibilidades do eventual desenvolvimento da psicanálise.

A dupla aporia

Freud havia posto claramente o problema do futuro da psicanálise em *Die Frage der Laienanalyse*, e calculado as dificuldades que daí iriam surgir. Mas sua posição de princípio era sobretudo otimista insistindo sobre o perigo “externo”, e escotomizando o perigo “interno”.

De fato, os dois se equivalem e se reforçam. Realizam, quanto ao futuro teórico e à transmissão da psicanálise, uma dupla aporia, cuja conjugação forma um precipitado complexo que podemos explicitar da seguinte forma:

1) é utópico imaginar, na nossa cultura, uma existência e um desenvolvimento possíveis da psicanálise na ausência de qualquer sociedade *formadora*; é notório que a própria situação didática é que põe em perigo estas mesmas possibilidades. Com efeito, da *Sociedade de Psicanálise* aberta a uma reflexão teórica-clínica, aos *Psicanalistas de Sociedade*, guardiães de um modelo teórico e de um rótulo social, tão fechados um quanto outro, o deslizamento é fácil. Isto se deve sem dúvida alguma ao fenômeno da entropia social, do qual a sociedade burocrática contemporânea nos fornece uma ilustração exemplar, mas também ao fato de que toda situação didática carrega em si os germes do academismo e da destruição do que lhe cabe transmitir. É provável que, no que diz respeito à psicanálise, a ameaça seja mais precisa, pois.

2) a psicanálise ocupa um lugar

específico no campo epistemológico. Em primeiro lugar, ela não é análoga às ciências tradicionais (procede do singular, deduz-se de seus efeitos, recorre a vários tipos de causalidade...). Em segundo lugar, e este é de longe o dado mais notável, seu objeto (o conhecimento dos processos inconscientes) resiste ao seu conhecimento. A experiência dele é uma das condições deste conhecimento, mas o mesmo escapa constantemente, pelos efeitos do seu objeto.

Parece que a partir destes dados podemos formular a seguinte hipótese: *Os impasses nos quais se desvia a formação do psicanalista representam o sintoma desta dupla aporia. (...)*

Ciência e psicanálise

Na pesquisa feita por Robert Wallerstein, uma das primeiras preocupações é perguntar aos analistas como conciliam os aspectos profissionais e científicos da psicanálise.

Nenhum modelo de formação existente escapa, e não pode escapar, a esta oscilação entre o iniciático e o científico. A diferença é questão de tendência e de limite, e se inscreverá e se exprimirá numa instituição que tende à vocação predominantemente carismática ou burocrática. (...)

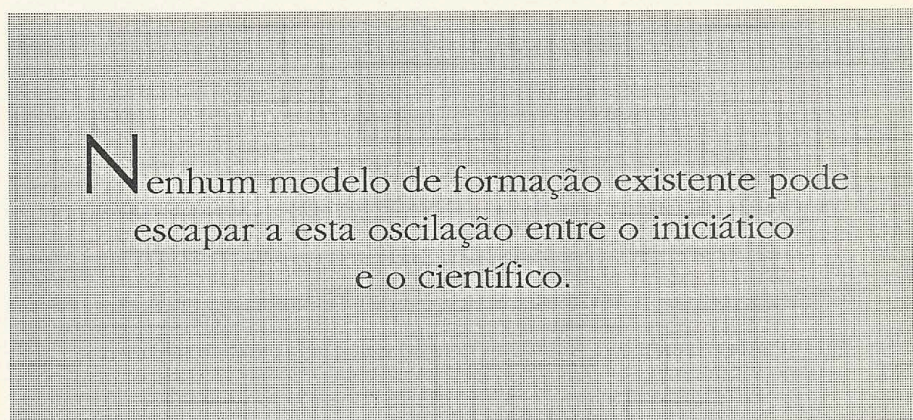
Freqüentemente, os analistas contribuem mais para embaralhar as coisas do que para as esclarecer, quando ostentam quer a obsessão da cientificidade, quer a recusa de qualquer espécie de cientificidade, isto é, quando promovem o cientificismo ou a irracionalidade. Para Freud, este assunto tampouco era claro.

De um lado, ele afirmava a cientificidade da psicanálise, procurava convencer e se convencer, mas permanecia marcado pelo caráter de sociedade secreta tingida de misticismo que presidiu à fundação do

movimento psicanalítico. Por outro lado, isto não o impediu de edificar os "pilares da teoria psicanalítica", aos quais, para se encontrar entre os psicanalistas, é necessário submeter-se, e que tem um valor universal fora e além do campo da experiência. Irá mesmo bastante longe nesta área. Tendo rapidamente percebido o quanto certos incidentes sócio-culturais podem criar entraves à própria prática operante do tratamento, e igualmente denunciado os deslizamentos possíveis da psicanálise em direção à medicina

é exemplar, mas não necessariamente generalizável.

Na origem, Freud inventou uma teoria que lhe permitiu "curar" as histéricas. O fim de seu percurso traz ecos bem diferentes. A teoria lhe permite então explicar e compreender aquilo sobre o que o analista não tem praticamente domínio. Segundo o caso, pode se tratar tanto de certas estruturas clínicas em que a repetição mantém desesperadamente a memória em suspenso, como do contexto social global (Cf. 'Psicologia das Massas', 'Moisés'



Nenhum modelo de formação existente pode escapar a esta oscilação entre o iniciático e o científico.

ou à ação pastoral, as quais contribuem para *afrouxar a intimidade do laço entre o inconsciente e o sexual*, ele não hesitava entretanto em sustentar que o avanço teórico não se esgotaria, apesar de tudo. Nada é menos seguro, de fato; quem pode fazer a teoria progredir, senão os próprios analistas? O que ela se tornará se sua formação se apresenta como tendência à medicalização ou à ação pastoral? É possível conceber e imaginar avanços teóricos em psicanálise fora da experiência singular da transferência e do inconsciente que a constitui? Podemos nos dar conta analiticamente daquilo que resiste aos efeitos da prática? Até que ponto os limites assim desvendados permitem afinar, e se necessário modificar, os conceitos e os instrumentos teóricos com os quais pensamos a prática? A esse respeito, o itinerário freudiano

etc.), do qual a psicanálise pode iluminar certos modos de funcionamento, mas não mais.

Infelizmente, essa fecunda posição inaugural pode contribuir para fazer a análise deslizar em direção a uma disciplina que pretenderia ter respostas a tudo, e consideraria as críticas a ela endereçadas como expressão de uma resistência impeditiva da *Verdade*. Que a psicanálise seja ciência da interpretação não lhe dá o poder de tudo interpretar, mas a torna, sem nenhuma dúvida, portadora dessa tentativa. (...)

A importância da psicanálise no campo epistemológico deve ser medida pela sua cientificidade? A reflexão, para não cairmos num debate estéril, nos leva a um fato incontestável: a descoberta psicanalítica constituiu uma ancoragem e uma referência outras para a ciência e

para a filosofia. A coerência que ela mostra é radicalmente nova, pois está particularmente afetada de um sinal negativo, dado o fato de dar conta das condições pelas quais um sujeito alcança a medida de sua própria ignorância.

O que vale para a teoria vale também para aquele que a aplica: o analista vai se encontrar permanentemente com problemas de *sentido* e de *identidade*, em busca de uma instância identificante que se possa oferecer a ele. A instituição analítica virá aí bem a calhar.

A "ciência", a cultura, a compe-

no e seus modos de resolução dependerão parcialmente do que estiver, em jogo inconscientemente, por ocasião da habilitação. Toda instituição promove um modelo e um trajeto, que sancionam e validam a formação. Esta última, é necessário dizê-lo, não é jamais adquirida (ou conquistada) na inocência, pois todo processo de formação está marcado pela representação da habilitação, a qual vai de par com a idéia que a instituição se faz da análise e do analista.

Um candidato que pede sua habilitação já efetuou um longo per-

ao papel mediador da identificação e do(s) terceiro(s) identificante(s). Mas, para que isso se faça, são necessários um trabalho de luto e um processo de desidealização, que exigem o remanejamento de posições identificatórias colocadas sob o signo da relação dual, do terceiro excluído e da idealização.

É necessário, entretanto, desconfiar de um abuso de linguagem que tenda a esvaziar os conceitos de seu conteúdo. É verdade que o trabalho de luto e a desidealização são necessários, mas de maneira alguma suficientes. Eles são indispensáveis para autorizar um investimento da análise, mobilizando positivamente a libido narcísica. Mas seria deplorável que, tomando as coisas ao pé da letra, o analista acreditasse dever manter como ideal a desidealização e fazer desta questão um propósito permanente e militante, que se assemelharia mais a uma defesa maníaca do que a uma elaboração psíquica construtiva.

Contudo, toda etapa de formação analítica, cujos efeitos conjugados só podem ser analisados *a posteriori*, exige uma re-elaboração das situações identificatórias implicadas na análise pessoal, tornada retroativamente didática; na relação com a teoria, tornada apoio para o pensamento e instrumento para a reflexão; na prática analítica, tomada o pão quotidiano. Cada momento do percurso privilegia uma problemática identificatória e transferencial com vocação idealizante, que pode, é verdade, ser ultrapassada, mas que deixa seqüelas rebeldes sob as formas respectivamente de identificação ao analista, de identificação a um mestre e a um discurso dogmático, e de identificação aos signos e emblemas da função analítica.

Um outro ponto, e não dos menores, diz respeito à questão dos melhores critérios a adotar na perspectiva de uma habilitação. Podem eles não ser fundados sobre dados

A ciência, a cultura, a competência de um futuro analista não lhe asseguram em si nenhuma identidade. Só um outro, um terceiro (pares, paciente, formação coletiva) pode reconhecê-lo, garanti-lo e instituí-lo.

tência de um futuro analista não lhe asseguram em si nenhuma identidade. Só um *outro*, um terceiro (pares, paciente, formação coletiva) pode reconhecê-lo, garanti-lo e instituí-lo. E por isso, bem mais do que a formação, o que se nomeia e se pratica sob o nome de processo de "habilitação", de "filiação" ou de "passe" será determinante.

O nó górdio da habilitação

Essas duas vertentes de toda formação, iniciática e científica revelam-se fonte de um conflito de referência, portanto de um conflito identificatório que constantemente tenderá a externalizar-se. Seu desti-

curso (análise, ensino, supervisão), e frequentemente já é analista.(...) O candidato-analista, após o término de seu processo de habilitação, torna-se-a analista e será daí em diante representativo e representante. Neste nó górdio, a coisa analítica encontrou a coisa institucional, ou, mais precisamente, o *reconhecimento do desejo* (o de ser analista e de analisar) se vê confrontado ao *desejo de reconhecimento* (o de ser identificado como analista por um grupo, por uma família de referência).

Ora, o desejo e a identificação entretêm uma relação eminentemente conflitiva. No melhor dos casos, o desejo e seu objeto continuarão a insistir e a persistir graças

analíticos? A *Escola Freudiana*³ tentou elaborar a teoria do "passe", que se ordena em torno da noção de "deSer" (*désêtre*) do analista como justo critério do fim de análise e da posição depressiva que é sua decorrência no analisando. (...)

Uma habilitação resultará sempre de um conjunto de *interpretações*, aquelas que um candidato propõe de sua experiência teórico-clínica. Como toda interpretação, elas terão ou não efeitos analíticos, que só se revelarão num tempo segundo.

A experiência mostrou em todos os casos que quanto mais o processo de habilitação se reduz a um ritual pontual, préviamente codificado por uma instituição que "roda" para você mas *gira* sobre e para si mesma, menos o processo terá chance de ser verdadeiramente analítico, e mais os riscos identificatórios (na sua versão nefasta) serão sérios.

A não ser caindo nos impasses denunciados por certos epistemólogos, não vejo outra solução, exceto tentar analisar os jogos de força da formação e da habilitação apoiando me na própria teoria analítica, e tentando indicar as formações do inconsciente que nelas são operantes e mobilizadoras. As mais importantes - mas não as únicas - me parecem dizer respeito aos fenômenos transferenciais e à fantasmática concernente à filiação.

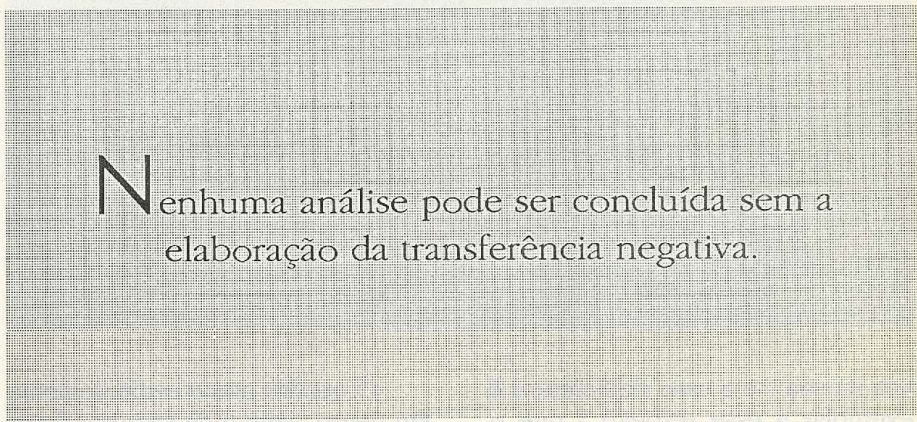
Formação e transferência

É possível que em toda análise exista, segundo a fórmula de Conrad Stein⁴, um "setor reservado da transferência", que cria um enclive inalisável, consecutivo à existência de um ideal comum entre o analista e o analisando. Este está ligado ao *projeto manifesto* da análise, seja ela terapêutica ou didática. Com efeito, desejar obter um resultado tangível do tratamento pode contribuir para obstaculizar sua evolução.

Entretanto, diria que se trata aqui de um mal menor, pois, entre o Caribdis de um enclive narcísico e o Sila de uma análise desprovida de qualquer projeto, de qualquer "interpretação" e de qualquer risco, pode ser preferível não negar *a priori* esta forma de *handicap* - sem a qual provavelmente nenhum trabalho analítico poderia se organizar, e sobre o qual, com a condição de não o desconhecer, é eventualmente possível voltar - a optar deliberadamente por derivá-la através do movimento perpétuo.

Esta parte de "ideal", talvez necessária e certamente inevitável, parece entretanto suscetível de tomar

No seu artigo de 1912 "A dinâmica da transferência", Freud distinguiu duas modalidades desta *negatividade*, que não são da mesma ordem, e cuja aproximação e análise, a meu ver, são diferentes. O *polo negativo* da transferência (em oposição a ao polo positivo) se liga à ambivalência, é fácil de ser distinguido e analisável. Em contrapartida, a transferência francamente negativa mantém um vínculo estreito com o ódio, para além da ambivalência; diz respeito às relações do sujeito com seus primeiros objetos, reenvia às suas primeiras feridas narcísicas e à sua relação com a alteridade.



Nenhuma análise pode ser concluída sem a elaboração da transferência negativa.

um aspecto particular, na situação didática, criando um impasse raramente solúvel na sua totalidade. É, com efeito, de notoriedade clínica que tudo o que concerne à idealidade constitui no tratamento um "caroço duro"; todo trabalho de desidealização acarreta o risco de desabamentos depressivos e de movimentos de ódio e desvenda uma transferência negativa, que nunca ousa dizer seu nome.

Se é verdade que nenhuma análise é possível sem a predominância ou na ausência de uma tonalidade transferencial positiva, é ainda mais verdadeiro que nenhuma análise pode se "concluir" sem a elaboração do polo negativo da transferência ou da transferência negativa.

Toda aparição ruidosa da negatividade da transferência pode levar a interrupção da análise. Mas o mais freqüente é que a transferência negativa avance mascarada, e tanto mais mascarada, quanto creio eu, mais "pura" for. Ela pode ter as aparências da couraça caracterial reichiana, mas também, e mais precisamente ainda, as da idealização, no seus diversos arranjos narcísicos e alienantes. Sua análise é particularmente espinhosa e aleatória.

As transferências ditas narcísicas são indubitavelmente uma variante destas transferências com vocação negativa, assim como o que Piera Aulagnier recentemente definiu como *transferência passional*⁵. Este destino transferencial, segundo a autora, encontraria na situação

didática um terreno privilegiado, e se exprimiria pela exteriorização de uma paixão alienante da análise, na qual investimento e identificação se confundem; na qual, por e contra tudo, a análise e o analista são totalmente idealizados, mantidos ao abrigo de toda crítica, ao preço de uma certa forma de alienação mental e social.

De qualquer modo, a não-análise da transferência negativa é uma das eventualidades mais pesadas de toda análise didática; ela parasita o futuro da análise. A clínica da didá-

tos analíticos, ela é fornecida e destilada *intra-muros* por analistas supostos-saber (seminários, grupos de pesquisa, ensino magistral). Se admitirmos que a dimensão do suposto-saber é um dos motores dos movimentos transferenciais, uma forma de transferência idealizante pode igualmente se aglutinar nesse movimento em que o domínio teórico é necessário. A identificação ao mestre, que transforma o discurso teórico em dogma, foi nesses últimos anos bastante denunciada, e não voltarei a esta questão. (...)

“controlado”, mas também as diferentes posições identificatórias e as manifestações transferenciais e contra-transferenciais que nela se mobilizam, entram em conflito e interferem entre o candidato, seu paciente, seu analista passado (ou ainda presente) e o analista supervisor. Este último ocupa uma posição pivô e ambígua pois, se ele permanece analista na sua função de supervisor (diferentemente do analista professor, que deixa de ser analista quando ensina), não deixa de estar numa posição de poder. Com efeito, o fato de que o analista possa fazer um “juízo de realidade” sobre seu analisando levanta as maiores polêmicas. O supervisor tem, ao contrário, voz, e seu testemunho-juízo sobre o candidato possui valor de predicação, principalmente no momento da habilitação. Portanto, também neste lugar outras laterizações da transferência se desenham. Algumas podem ter efeitos analíticos positivos e permitir relativização e mobilidade de pensamento. Mas, paralelamente, a dependência ao poder e ao saber do supervisor pode bascular a supervisão em direção a um ritual escolar estéril ou a uma relação de doutrinação, induzindo assim a um modelo identificatório onde serão valorizadas as aparências, bem como tudo o que juntamos habitualmente sob a rubrica de sinais exteriores de riqueza.

Em suma, todo compromisso didático com a psicanálise é fonte de “formações” transferenciais, nunca verdadeiramente liquidáveis. Isto não é por si só catastrófico, pois a idéia de uma possível liquidação total da transferência parece-me se aparentar mais a uma utopia de socorro, procurando preservar um versão idealizada da análise e de seu poder, do que a de um reconhecimento de seus limites, também do lado transferencial. O peso destes setores inevitáveis se mostrara - tanto mais árduo e suscetível de se representar

Toda formação teórica carrega esta potencialidade identificatória: a adesão ao discurso de um grande ou pequeno mestre e a um corpo doutrinal passa a ter valor de identidade.

tica mostra - e o caso de Ferenczi é exemplar a esse respeito - que o analisando não se deixa facilmente conduzir à expressão da negatividade da transferência. Mas é necessário dizer que, também do lado do analista, a questão é espinhosa. Com efeito, face à transferência francamente negativa, o analista corre o risco de ser chamado ao *duelo*, isto é, nele podem ser mobilizadas moções pulsionais hostis, à semelhança daquelas que agem sobre o seu analisando, e isto mais ainda no analista didata; são resíduos transferenciais, os mais carregados de negatividade e de movimentos contra-transferenciais, nem sempre domináveis. Este conjunto de elementos leva facilmente à identificação narcísica com o analisado. (...)

Quanto à formação teórica reconhecida como podendo ter efei-

O quadro não é evidentemente tão negro. Nem toda sedução é um estupro e nem todo saber engendra, necessariamente, sua utilização abusiva. Contudo, toda formação teórica carrega esta potencialidade identificatória, onde a adesão ao discurso de um grande ou pequeno mestre e a um corpo doutrinal passa a ter valor de identidade e ponto final. (...)

Quanto às supervisões, elas são, na maior parte dos agrupamentos analíticos, consideradas, e com forte razão, de mais alta importância. (...) A necessidade da experiência das “supervisões” não é para ser questionada. Entretanto, ela só se torna realmente formadora sob a condição de que, nesse espaço, seja preservada a dimensão analítica, e que a supervisão permita balizar não somente as situações da análise que é objeto do trabalho analítico

no real, quanto mais os elementos negativos da transferência estiverem separados do campo da análise em proveito de seu investimento puramente narcísico.

Todo esse conjunto de "riscos", e a maneira pela qual o analista se revela capaz de assumi-los e de enfrentá-los, terão ressonância sobre a elaboração de sua habilitação, que não existe sem alimentar toda uma fantasmática em torno da paternidade e da origem.

Formação e fantasias de filiação

As problemáticas de engendramento e de parentesco que se inauguram na relação com Freud, pai, fundador único, ancestral a quem todo analista se refere, cuja herança promete, no momento da sua iniciação, conservar e fazer frutificar, intervêm maciçamente nas relações dos analistas entre si, e também na sua prática e nas suas teorias.(...)

A psicanálise tem uma origem datável, encarnando-se na pessoa de um só e genial homem. Este fato é certamente de grande importância para os desenvolvimentos de uma disciplina que nasce sob tais condições. Além disso, uma outra especificidade da psicanálise reside no fato de que, mesmo se a biografia de Freud não é suficiente para justificar a teoria, isto não impede que precisemos deste suporte para compreendê-la e perceber suas engrenagens.

Esses elementos constituem a *originalidade* da psicanálise. André Green observou "que quando um gênio se interpõe no espaço da relação de uma disciplina, suas criações realizam uma fenda, um corte, que se inscreve no tecido das representações da disciplina em questão. Sua contribuição dá a medida de sua originalidade, sem constituir uma origem. Com Freud, a originalidade é originária, isto é, não estamos em condições de apreciar a originalidade pois ela é originária"⁶.

Indo na mesma direção, a originalidade dos sucessores terá sempre a tendência de empalidecer, se a olharmos do ponto de vista da genialidade da origem.

Nada é simples na relação de *pai para filho*; mais do que em qualquer outro domínio, porém, o problema da geração se coloca na psicanálise como pode se colocar numa sociedade primitiva ou numa família arcaica, onde a transgressão dos limites e de certos tabus representa um grande risco para a coesão do grupo e é punida com a morte

É preferível render-se à evidência de que todo analista nasce numa sociedade endogâmica, com vocação incestuosa, a fazer constantemente manobras engenhosas para tentar contornar e negar este dado. Isto teria pelo menos o mérito de permitir abordar com mais rigor a questão do terceiro e de sua introdução, e portanto compreender sua instabilidade e precariedade, na medida em que terceiro algum pode tornar exogâmico aquele que participa de uma origem endogâmica.

Se o desejo e o sexual se apagam em proveito da identificação e da genealogia, ressurgem no real e em suas modalidades mais transgressivas.

ou desterro(...). Penso que os traços de uma identificação ao analista sejam tão mais persistentes e nefastos quando o próprio analista se mostrou levado por um desejo de criação e de filiação. Nesse caso, em boa lógica inconsciente, a barreira do incesto se revela particularmente elástica, e o assassinato do pai se torna inacessível na sua implicação simbólica. Expulsar o natural o faz voltar a galope. Também podemos levantar a hipótese de que, quando numa análise o desejo e o sexual se apagam em proveito da identificação e da genealogia, eles ressurgem no real e em suas modalidades mais transgressivas. (...) É próprio do ideal, qualquer que seja a forma que este assuma, não querer ouvir falar nada sobre o sexo enquanto tal, exceto sob uma forma também idealizada, que se fará então aliada das forças recalcentes.

O analista, que na sua prática está constantemente lidando com as questões de seu paciente com o parentesco, não parece bem aparelhado para lidar com o seu quinhão no seio de sua família analítica. Por outro lado, a situação analítica, dado o seu isolamento e seu clima de "inquietante estranheza", se revelará mais cedo ou mais tarde fonte das tentações mais obscuras, tentações que são ainda mais fortes já que ninguém pode realmente saber o que se passa no antro analítico. Em outro trabalho, formulei a seguinte hipótese: o conflito identificatório central do analista enquanto tal, e ao qual ele não pode escapar, diz respeito ao destino de sua bissexualidade psíquica tendo em vista o assassinato do pai.⁷ Acrescentava também que este conflito, constantemente reativado pela prática analítica, me parecia ser o eixo mobilizador e pertinente, capaz de

tornar possíveis a Análise e o Analista.

Toda relação analítica é desde o início sexuada, não somente imaginariamente, mas também, realmente, sob o modo homossexual ou heterossexual. Quatro casais analíticos são portanto possíveis (homem-homem, mulher-mulher, homem-mulher, mulher-homem). Todos são portadores, tanto nas cenas da fantasia como na realidade, de sistemas de parentesco com os quais cada um está envolvido na sua história, e que privilegiam seja as filiações homossexuais pelos pais ou pelas mães, seja as filiações heterossexuais postas sob o signo dos desejos incestuosos e de sua condenação. Teoricamente e mesmo praticamente, uma análise permite a referência e a modificação de todas estas posições identificatórias "filiais" (ou parentais). Além disso, numa análise de formação, poderíamos esperar que os referenciais tidos como balizas de seu trajeto autorizariam uma análise mais ampla e mais fina.

Ora, a clínica das relações entre candidatos, com raras exceções, mostra que não é isso o que se dá, e que os restos identificatórios e transferenciais das filiações analíticas permanecem inconscientemente vivazes e ativos.

Um outro aspecto de ordem clínica nos levaria a pensar que são as filiações homossexuais as mais temíveis em seus efeitos, pela problemática *paranóica* latente (ou não) que veiculam, com todo o seu cortejo de fantasias de engendramento, de miséria, de perseguição e de questionamento nunca resolvido sobre a paternidade e seus significantes.

De qualquer maneira, na situação atual de desenvolvimento da psicanálise e das modalidades de sua transmissão, e isso tanto na França como em outros lugares, o analista não pode ultrapassar este mito originário, (mesmo se este parece induzir à análise como *profissão* que exige alto grau de competência e de tecnicidade).

Entre o *mito edipiano* que inscreve o sujeito na ordem do vivente, o *mito sadiano* que seguramente o exclui, todas as nuances do *espectro* do parentesco se desdobram no espaço-tempo da formação analítica, como aliás no seio de toda empreitada cujo alvo é uma produção-reprodução. Apenas no *a posteriori* é possível julgar se nos encontramos em presença da reprodução de um *idêntico* (um duplo partenogenético) ou de um *outro*, que soube conquistar o que seus pais e pares lhe legaram.

Últimas impressões

Numa última aproximação, parece que expressão "*forma-se um analista*" pode se declinar e se decifrar de maneira análoga a "*bate-se uma criança*", e isto precisamente no nível dos laços intensos que esta fantasia entretém estruturalmente com a exclusão do sujeito e com o continente negro da paternidade. Em todo caso, o fato de que Freud pense para esta fantasia essencialmente dois destinos possíveis, um se apresentando como forma típica da cicatriz edipiana, o outro podendo se inscrever num contexto mais largo onde predomina a paranóia - este fato pode nos ensinar alguma coisa.

Da mesma forma como a cultura só acontece como tal quando nos esquecemos tudo de quem e de como ela nos chegou, a formação analítica só poderia eventualmente merecer este qualificativo a partir do momento em que o analista se põe a traçar seu caminho como ele o entende, fora das trilhas batidas, e sem se preocupar constantemente com as referências a certezas e a mestres identificantes. (...)

Concluindo, nenhuma solução definitiva - e é provavelmente assim mesmo - parece se delinear. Parece igualmente que é enorme o fosso entre o que se enuncia como regras e princípios e o que se pratica

em seu nome. Mas, na medida em que o analista está só na sua prática e na sua pesquisa, ele não pode se subtrair a uma prova e a uma exigência de reconhecimento recíproco, num espaço social que lhe oferece um palco de trocas e outras modalidades de atividade psíquica.

Este estado, de fato, é incontornável; entretém e reativa desde sempre, no analista, um conflito psíquico custoso.

NOTAS

1. Cf. R.S. Wallerstein (1978) "Perspectives on psychoanalytic training around the world", *Int.J.Psychoanal.* 59: 477.
2. Os grifos são nossos (N.T.).
3. Dissolvida em 1980 pelo próprio Lacan (N.T.).
4. C.F Conrad Stein, "O setor reservado da transferência" (1968). In: *La Mort d'Oedipe*, Denoel, 1977. Trad. bras. in *O psicanalista e seu ofício*, São Paulo, Escuta, 1988.
5. Cf. Piera Aulagnier: "Du transfert nécessaire à la passion aliénante", *Topique*, n° 23, 1978. Trad. bras. in: *Os destinos do prazer*, Rio, Imago, 1985.
6. Cf. André Green: "Notes critiques sur l'institution analytique". Texto inédito que o autor teve a amabilidade de me comunicar e que alimentou minha reflexão.
7. Cf. Micheline Enriquez: "Analyse possible ou impossible", *Topique*, n° 18, 1977.